



Entrevista

Dra. Silvia Bacellar

A Revista EF conversou com a fisioterapeuta Dra. Silvia Bacellar, que trabalha com pacientes com câncer e doenças vasculares. Segundo ela, a atuação do Profissional de Educação Física é de extrema importância não apenas para o paciente ou ex-paciente, mas também para o acompanhante e, sobretudo, os demais profissionais que trabalham em uma unidade de saúde. Confira a entrevista!

Como a Sra. vê a importância do Profissional de Educação Física dentro de um hospital? Acha que deveriam existir espaços destinados à atividade física nas unidades de saúde?

Se tiver uma academia, como existiu no (Hospital) Mário Kröeff, por exemplo, e a atividade física for uma condição para o acompanhante deste paciente e o profissional de saúde melhorar suas qualidades de vida, seria melhor. Acho que os Profissionais de Educação Física precisam de uma academia dentro dos hospitais, que atendesse todos os funcionários, que precisam desesperadamente (do atendimento); os acompanhantes, que ficam o dia inteiro nos quartos; e aquele paciente, por exemplo, que está internado em uma condição de pré-operatório.

E quanto aos ex-pacientes, ou seja, aquele que já passou por todo o tratamento e precisa praticar atividade física para melhorar a sua qualidade de vida?

Bom, o paciente com câncer, diabetes, doenças cardiovasculares, dentre outras, em um determinado período, pode estar precisando de cirurgia, transfusão de sangue, tratamento para dor, fisioterapia etc. Quando tudo isso acaba, a vida dele tende a voltar ao normal. Este paciente precisa, como todo mundo, praticar atividade física. E quem vai tratar dele? Quem vai ser o responsável pela orientação dele? O Profis-

sional de Educação Física, que tem que estar apto a receber o paciente. Ele precisa saber tratar uma disfunção de joelho pós-operatória? Não! Da mesma forma, o fisioterapeuta não tem que fazer um trabalho de ganho de massa muscular naquele joelho. Isso é trabalho do Profissional de Educação Física!

Você acha então que as Instituições de Ensino Superior devem preparar melhor os estudantes para tratar de forma eficiente e eficaz este paciente?

Lógico. As instituições não precisam abordar o tratamento das doenças, mas "a" doença. No caso de um indivíduo, por exemplo, que operou um câncer de próstata. Ele tem e terá esta doença o resto da vida dele, podendo viver mais 20 ou 30 anos com ela. Em termos de tratamento, pode não precisar de mais nada. Mas e todo o resto? A saúde, autonomia, qualidade de vida, autoestima, enfim, tudo mais que a atividade física proporciona? Agora, um Profissional de Educação Física que sabe o que é um câncer de próstata, entende que, por ser uma patologia crônica, o paciente pode, em algum momento, ter sintomas que poderão estar relacionados à doença. Uma falta de ar ou dor lombar deveriam ser vistos com mais critérios. O profissional deve estar atento que aquilo pode ser uma recidiva da doença no pulmão ou na coluna. Ele tem que saber o que pode acarretar


aquela doença, cinco ou dez anos depois, e que conseqüências o paciente pode sofrer.

A participação do Profissional de Educação Física na equipe multidisciplinar é importante, especialmente em relação à troca de informações a respeito do tratamento do paciente?

Certamente. Você pode dar aula de todas as doenças, mas se não presenciá-las... Já se ele faz parte de uma equipe de tratamento ou de acompanhamento de um paciente que tem tal patologia, vai ter chances de estudar o caso. O melhor modelo que já vivenciei foi no Center Vasc, uma clínica de doenças vasculares com a proposta de fazer prevenção, tratamento e reabilitação. O paciente entrava e fazia consulta com o médico e, muitas vezes, eu participava. Às vezes tinha alguma coisa que eu poderia acrescentar. Do contrário, eu estava lá no meu consultório, no mesmo ambiente físico. Se tivesse dentro dessa clínica um



“Acho que os Profissionais de Educação Física precisam de uma academia dentro dos hospitais, que atendesse todos os funcionários...”

centro de atividade física, eu terminaria de atender, chamaria o Profissional de Educação Física e trocava informações sobre o paciente. Isso é tratamento de equipe, seja no mesmo ambiente ou fora dele. Em oncologia, existe no COI (Clínicas Oncológicas Integradas), atualmente, uma abordagem semelhante, onde o paciente recebe orientações quanto à fisioterapia e qualidade de vida. 

Panorama

CONFEF no Twitter

As mídias sociais já estão na rotina de boa parte da população mundial. E o Brasil não fica por baixo, sendo considerado, segundo pesquisas, como um dos países que mais utilizam essas poderosas redes de contatos. Orkut, Facebook, LinkedIn, Messenger, Twitter, dentre outras, são ferramentas utilizadas tanto pelas pessoas físicas, quanto por empresas e organizações.

E o CONFEF não poderia ficar de fora. Buscando diminuir a distância entre o Conselho, os Profissionais de Educação Física e a sociedade em geral, foi lançado este ano o Twitter CONFEF (www.twitter.com/confef). Nele você encontra notícias sobre a profissão, eventos, as ações do Sistema e muito mais!

Se você possui Twitter, siga o CONFEF e mantenha-se informado sobre o universo da Educação Física no Brasil e no mundo.

Dia Mundial da Atividade Física

No dia 09 de Abril, os professores Jean Toscano (CREF 000420-G/PB), Bráulio César (CREF 000341-G/SE) e Chrystiane Toscano (CREF 000444-G/SE) mobilizaram alunos dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas (licenciatura e bacharelado) para realização de um evento alusivo ao Dia Mundial da Atividade Física.

Os alunos ocuparam um espaço em um grande centro comercial (Shopping Pátio) para a realização de atividades que pudessem mobilizar grande parte da sociedade de Maceió. Os objetivos da ação foram identificar o nível de



atividade física da população que frequenta o shopping e divulgar material informativo sobre os benefícios da atividade física para a promoção da saúde. Mais de 50 estudantes participaram da ação.